

Espaços externos para brincar: o olhar das crianças através de fotos

Ilka Dias Bichara
João Gabriel Nunes Modesto
Dhiego Alves França
Sílvia Sales Medeiros
Gabriela Souza Cotrim

Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA – Brasil

Resumo: As ruas e os espaços públicos nas grandes cidades têm sido percebidos pelos adultos como impróprios para crianças em virtude da violência e do movimento de pessoas e veículos. Verifica-se, então, tendência a interiorização e institucionalização dos espaços de brincadeiras. Com o objetivo de investigar, pelo olhar das próprias crianças, quais os seus lugares externos para brincar, 39 crianças, meninos e meninas de status socioeconômico baixo e médio, moradoras na cidade de Salvador, fotografaram seus locais preferidos para brincar fora de casa e da escola e foram entrevistadas sobre os conteúdos das fotografias registradas e sobre quais brincadeiras ali eram desenvolvidas. Os resultados indicam que a região na frente das casas e *playgrounds* de edifícios foram os mais escolhidos. Nesses lugares as crianças relataram brincar mais de jogos de competição, faz-de-conta e brincadeiras de rua, utilizando majoritariamente elementos existentes nos locais como passeios e escadas.

Palavras-chave: brincadeira; espaços públicos; crianças; parques; resignificação.

Introdução

Conteúdos, formas e frequências de brincadeiras dependem, em grande parte, da qualidade dos espaços destinados a elas, tanto em termos das características físicas (dimensão, topografia e equipamentos presentes) quanto das sociais (localização, pessoas presentes, cultura, entre outros aspectos). No que se refere às características físicas, os estudos têm se concentrado na investigação de arranjos que pais e professores podem realizar para potencializar ou restringir brincadeiras (MENEZHINI; CAMPOS-DE-CARVALHO, 2003) ou relativa à qualidade dos equipamentos disponíveis (JOHNSON; CHRISTIE; YAWKEY, 1999). Investigações que tratem das escolhas, apropriações e arranjos que as crianças realizam ainda são raros e insuficientes (COTRIM; FIAES; MARQUES; BICHARA, 2009).

Parte-se do pressuposto de que a compreensão atual do desenvolvimento humano, e dos fenômenos a ele associados, não deve de forma alguma estar dissociada do contexto sociocultural e físico no qual ele ocorre (KOBARG, KUHNEN; VIEIRA, 2008). Para Lordelo (2002), a percepção do ambiente, não apenas como espaço físico, mas também como local de interações onde pesam fatores culturais, sociais e individuais, teve como consequência a tomada do contexto – antes tido como pano de fundo de investigações – como importante objeto de estudo. Tal entendimento deve, portanto, estar presente

em qualquer pesquisa que abarque algum aspecto do desenvolvimento humano, e a brincadeira infantil, enquanto parte indissociável deste, também deve ser estudada sob essa óptica.

No que concerne à relação espaço x criança, Karsten e Vliet (2006) ressaltam que a prática das brincadeiras tem migrado, desde a década de 1950, dos espaços externos para os espaços internos. Embora tais constatações tenham sido obtidas a partir de estudos realizados com a população holandesa, entram em consonância com o que Sutton-Smith (2003) aponta como tendência crescente, nas últimas décadas, de domesticação das crianças. Seguindo este mesmo raciocínio, Beach (2003) aponta a existência de certa contradição nos discursos de pais que coíbem seus filhos e ao mesmo tempo lembram com nostalgia de suas infâncias livres e cheias de aventuras. Essa tendência parece ocorrer em diversos países do mundo, o que é sugerido por estudos que identificam o cerceamento da liberdade das crianças durante as brincadeiras e os novos modos de apropriação dos espaços por elas (MIN; LEE, 2006; RASMUSSEN, 2004). No Brasil, vários estudos comprovam esta mesma tendência como os desenvolvidos na cidade de Salvador (COTRIM et al., 2009; BICHARA et al., 2006) e em Belém (SILVA et al., 2006).

As ruas e os espaços públicos, em geral, têm sido percebidos pelos adultos como ambientes impróprios para crianças, e parte dessa concepção fundamenta-se na crença de que as crianças são seres frágeis, passíveis de proteção diante dos perigos existentes, principalmente nos ambientes urbanos. Vale ressaltar, entretanto, que essas restrições não são vistas com tanta frequência quando se observam crianças moradoras em bairros periféricos e/ou afavelados como mostram estudos realizados em Salvador (COTRIM et al., 2009).

A violência e a insegurança nas metrópoles emergem como um fator que contribui decisivamente para o cerceamento da liberdade infantil na atividade do brincar, pois a urbanização das cidades trouxe diversas mudanças como aumento do número de veículos, o crescimento populacional desenfreado e, com o aumento da violência, a sensação de insegurança. Se essas transformações afetaram os adultos, também atingiram as crianças, que não têm outra opção (ante as modificações impostas pelos primeiros) senão negociar o uso do interior das casas transformando espaços como corredores e salas em lugares de brincadeira. A ocorrência desse fenômeno fez emergir uma categoria denominada, por Karsten e Vliet (2006), "crianças internas", referindo-se àquelas que quase nunca saem para brincar. Esses autores identificam ainda a existência de um paradoxo: apesar de os pais perceberem os espaços públicos como locais inadequados para o mundo infantil, acreditam que locais abertos e certo contato com a natureza são fundamentais para o desenvolvimento saudável das crianças.

Tendo em vista os aspectos supracitados, há uma tendência crescente na contemporaneidade de desenvolver espaços especialmente estruturados para as crianças, como parques cada vez mais bem equipados e os chamados *playgrounds* (JOHNSON; CHRISTIE; YAWKEY, 1999), ou como se diz no Brasil – parquinhos. A despeito disso, como evidencia Elsley (2004), há uma lacuna entre o que as crianças desejam e o que está disponível,

muito embora eles percebam a importância desses locais criados especialmente para as brincadeiras. Vale destacar nesse ponto uma importante diferenciação feita por Rasmussen (2004) entre “espaços para crianças” (*places for children*), que seriam esses locais planejados e estruturados pelos adultos para ocorrência da brincadeira infantil, e “espaços das crianças” (*children’s place*), aqueles dos quais elas realmente se apropriam, mesmo sem terem sido planejados para este fim. Os lugares mencionados pelas crianças como importantes para elas são usados mais frequentemente que outros, possibilitando maior variabilidade comportamental, um número maior de práticas grupais e senso de territorialidade (MIN; LEE, 2006).

Assim, embora haja um impacto inegável da restrição do espaço de brincadeira no cotidiano das crianças, elas não aceitam tal processo passivamente. Ao invés disso, ocorrem constantes desconstruções e reconstruções dos ambientes quando os brincantes os exploram. É nesse sentido que Valentine (1997) acrescenta a importância de pais e filhos negociarem o acesso a determinados espaços, permitindo assim que a criança se posicione, a partir de sua perspectiva, ante os benefícios e possíveis riscos que determinado local possa vir a oferecer.

Considerando a relevância de se investigar a relação espaço x criança e partindo da premissa trazida por Bichara (2005) do importante vínculo entre os espaços físicos e o fenômeno do brincar, o presente estudo, parte de uma pesquisa maior sobre o uso do espaço urbano por crianças, teve como objetivo investigar a relação da criança com seus espaços de brincadeira sob o olhar dela própria.

Método

A pesquisa aqui relatada é uma replicação do procedimento realizado por Rasmussen (2004), que consiste em solicitar a crianças que fotografem seus locais preferidos para brincar em casa, na escola e fora de casa e da escola. No procedimento original a criança escolhe um local preferido em cada um desses contextos. Aqui nos deteremos nos procedimentos e análises relativos aos locais fora de casa e da escola.

Participantes

Participaram deste estudo 39 crianças, de 6 a 10 anos, meninos e meninas de *status* socioeconômico baixo (SB) e médio (SM), escolhidas por acessibilidade, caracterizando o tipo de amostragem por cadeia ou rede em que umas pessoas indicam outras (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006). O critério principal de associação a um dos dois *status* socioeconômico foi a moradia, tanto em termos do bairro onde se encontravam (bairros típicos de classe média ou incluídos na periferia da cidade) quanto das condições aparentes da residência (dimensões, aspecto geral da construção, entre outros indicadores), tendo como critério definidor o fato de não haver dúvidas entre os membros do grupo de pesquisa sobre em qual categoria enquadrar. Todas as crianças participantes frequentam escolas regularmente em séries compatíveis com suas idades. Ao final, a amostra ficou assim distribuída: SB (9 meninos e 11 meninas) e SM (7 meninos e 12 meninas).

Procedimento

Inicialmente o pesquisador sondava o interesse da criança, indicada por alguém, em participar do estudo, e depois buscava o consentimento para a participação dela junto aos pais, que o faziam através da leitura e assinatura do Consentimento Informado. Todos os contatos ocorreram nas casas das crianças e na presença de, pelo menos, um dos pais. Todas as etapas do processo eram devidamente explicadas e após isso era fornecida à criança uma máquina fotográfica descartável, com a instrução de que ela deveria tirar duas fotos em locais fora de casa ou da escola, sendo esses lugares aqueles nos quais ela mais gostava de brincar. O pesquisador demonstrava ao participante o funcionamento da máquina e dava-lhe a oportunidade de tirar uma foto de teste, para esclarecer possíveis dúvidas, e então a criança permanecia com a máquina a fim de fotografar seus espaços preferidos de brincadeira. Após o cumprimento dessa etapa, as máquinas eram recolhidas para revelação dos filmes e análise da fotos.

Instruía-se que os participantes tirassem duas fotos para garantir que ao menos uma pudesse ser utilizada no estudo, já que alguma fotografia poderia queimar no processo de revelação, bem como perder a qualidade por motivos diversos. Reafirma-se que o interesse era o de obter uma foto que identificasse sua preferência. Com as fotos já reveladas, o pesquisador procurava novamente a criança para a realização de uma entrevista semiestruturada, onde lhe era solicitado que descrevesse o local fotografado, quais brincadeiras eram desenvolvidas nele, o porquê de ter escolhido cada ambiente, com quem ela brincava etc.

Análise de dados

A análise de dados se deu primeiramente em relação ao conteúdo das fotografias, registrando-se em planilhas todos os locais fotografados e objetos presentes nas fotos. Vale salientar que, apesar de a instrução ser para que as crianças tirassem duas fotos do mesmo local, algumas registraram mais de um lugar. Partindo do pressuposto de que a lógica que sustenta esse estudo é a de dar voz à criança, foi decidido que as fotos “excedentes” de cada criança não seriam descartadas do estudo, mesmo com o risco de haver um viés nos resultados. Assim o total de fotos não corresponde ao número de participantes. Para que esse resultado não viesasse as análises, os dados brutos foram transformados em percentuais.

Em relação aos objetos, as planilhas que continham todos os elementos constantes nas fotografias foram comparadas com as informações obtidas nas entrevistas sobre o que de fato era usado em brincadeiras. Cadeiras, mesas e outros objetos que compunham os cenários fotografados foram, então, descartados. Os demais objetos foram associados aos participantes e às brincadeiras mencionadas.

A Tabela 1 mostra a distribuição dos participantes conforme o gênero e *status* socioeconômico, a quantidade de fotografias aproveitadas de acordo com a amostra e quantidade de brincadeiras mencionadas pelas crianças como preferencialmente executadas nos lugares fotografados.

Tabela 1. Distribuição de participantes, quantidade de fotografias e eventos de brincadeiras conforme o gênero e o status sócio-econômico

	Status socioeconômico baixo		Status socioeconômico médio		Total
	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	
1) participantes	9	11	7	12	39
2) fotografias	11	11	7	17	46
3) episódios de brincadeiras	15	16	10	15	56

As entrevistas foram transcritas e os dados referentes a objetos e brincadeiras categorizados, e as demais falas foram organizadas por tema para análise posterior dos conteúdos das brincadeiras.

Questões éticas

O estudo aqui relatado faz parte de um projeto maior que foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Todos os cuidados relacionados a proteção e sigilo dos participantes foram tomados. A anuência pela criança em participar do estudo foi o primeiro passo do procedimento, seguido pelo consentimento assinado de um dos seus pais.

Resultados e discussão

Conforme pode ser constatado pelos dados disponíveis na Tabela 1, as 39 crianças participantes da pesquisa registraram 46 fotografias de locais externos de brincadeiras (22 referentes às crianças de *status* socioeconômico baixo; 24 referentes às crianças de *status* socioeconômico médio). Essas fotografias foram organizadas e categorizadas em sete tipos de locais externos a sua casa e a escola: 1. Região em frente à casa – A categoria refere-se a qualquer espaço fotografado que esteja localizado imediatamente em frente à residência da criança: ruas, vielas, escadas, praças; 2. *Playground* – as crianças chamam de *playground* a área ampla, geralmente no andar térreo, de edifícios que podem ou não incluir parquinhos; 3. Casas de outras pessoas – considerou-se aqui qualquer registro fotográfico da criança na casa de outras pessoas, não havendo diferenciação se o espaço fotografado foi uma sala, um quarto ou uma varanda, por exemplo; 4. Varanda/quintal – A categoria engloba as fotografias referentes ao entorno das residências ao qual as crianças, ao apresentarem seus relatos, atribuíram o nome de quintal ou varanda; 5. Piscina – engloba as piscinas coletivas, de prédios, ou localizada em casas; 6. Rua – ruas que não se encontram imediatamente em frente às residências das crianças, ou seja, referem-se a locais mais afastados; 7. Loja – a categoria refere-se à fotografia registrada em uma loja de brinquedos eletrônicos de um *shopping center* de Salvador.

Os percentuais relativos às quantidades de fotos por categoria de acordo com o sexo e *status* socioeconômico das crianças estão dispostos na Tabela 2.

Tabela 2. Frequências simples aproximadas dos locais fotografados por meninos e meninas de acordo com o status socioeconômico

Locais fotografados	Status socioeconômico baixo		Status socioeconômico médio	
	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas
1) Região em frente à casa	72,7%	81,8%	42,8%	17,6%
2) <i>Playground</i>	-	-	28,6%	52,9%
3) Casas de outras pessoas	-	-	14,3%	17,6%
4) Varanda/quintal	18,2%	9,1%	-	-
5) Piscina	-	-	-	11,8%
6) Rua	9,1%	9,1%	-	-
7) Loja de brinquedos eletrônicos	-	-	14,3%	-
N =	11	11	7	17

Como pode ser visto, a região em frente à casa foi o lugar mais fotografado por meninos e meninas de SB e meninos de SM; já as meninas de SM preferiram os *playgrounds*. A alta incidência de fotografias na categoria 1 corrobora outros estudos que apontam para o interesse de crianças em ocupar locais abertos (KARSTEN; VLIET, 2006); entretanto, traz um questionamento: por que, necessariamente, um espaço aberto próximo à casa?

Elsley (2004) indicou que regiões próximas às casas das crianças costumam emergir como espaços de brincadeiras para elas, mas não são, necessariamente, os seus prediletos. Segundo o autor, algumas crianças gostariam de ir mais longe, brincar em locais mais afastados, mas não conseguem a permissão dos pais. O brincar perto de casa pode ser entendido então como fruto de uma negociação entre crianças e adultos para a ocupação de locais abertos; em suma, os pais parecem dizer para as crianças: “você até podem ir, mas não podem ir muito longe”. Os baixos índices de fotografias na categoria 6, que representa justamente a ocupação de um espaço aberto mais afastado das moradias das crianças, reafirmam esse ponto.

Esses achados apontam também para diferenças na ocupação dos espaços de brincadeiras quando comparamos as preferências de meninos e meninas entre os *status* socioeconômicos investigados. Enquanto a maioria das crianças de SB e meninos de SM fotografaram a rua, as meninas de SM fotografaram mais os *playgrounds* de prédios, ou seja, um ambiente cercado, protegido e delimitado.

Fiaes et al. (2010) relatam que estudos sobre o uso do espaço para brincadeiras em ambientes abertos têm evidenciado que meninos e meninas apresentam diferenças na preferência por determinadas áreas como os de Karsten (2003), realizado em Amsterdã, que constatou que os meninos permaneciam por mais tempo nos parques e ocupavam

áreas maiores. Anteriormente Levy, Taylor e Gelman (1995) e Harper e Sanders (1975), já haviam observado que meninos preferem espaços abertos e executam brincadeiras com muita movimentação, enquanto as meninas preferem ambientes internos ou delimitados e realizam brincadeiras mais concentradas.

Pode-se inferir, a partir desses dados, que crianças de SB e meninos de SM têm mais liberdade para ocupar espaços públicos, mesmo numa área muito circunscrita à sua vizinhança? As meninas de SM seriam as mais controladas por adultos, as que apresentam maior concordância na equação entre “lugares para” e “lugares da” criança, conforme definido por Rasmussen (2004)?

É difícil responder a esse questionamento, porém considera-se que a ocupação desse espaço parece seguir a mesma lógica da ocupação da categoria 1, no que se refere a uma negociação pelo uso de espaços abertos entre crianças e adultos. O *playground* configura-se como um espaço aberto, mas dentro dos limites do prédio; dessa forma, os adultos tendem a considerá-lo como mais seguro que as ruas, permitindo assim que as crianças brinquem nesse local.

Também é importante registrar que a amostra não é homogênea entre moradores de casas térreas e apartamentos, logo a escolha pelo *playground* foi fortemente influenciada pelo fato de a maioria das meninas de SM (11 em 12) residirem em apartamentos. Pode-se inferir que quando a criança mora em apartamento, o *playground* emerge como importante espaço de brincadeira, tendo em vista que, apesar de esse local não ter sido o priorizado por meninos de SM, todos os que moravam em apartamento fotografaram o *playground*. Vale levar em conta também que, tradicionalmente no Brasil, a rua é considerada um lugar mais perigoso para meninas que para meninos, observando-se, em lugares onde não há outro tipo de restrições, como na periferia de Belém, uma significativa diminuição das meninas nas ruas com o aumento da idade (SILVA et al., 2006).

Em se tratando das crianças do SM, apesar de a categoria 1 ter sido a preferência dos meninos, percebe-se a presença de registros fotográficos de locais fechados nas categorias 3 e 7. Essa é uma constatação importante, pois reforça a visão de interiorização das brincadeiras e aponta para a ausência de espaços públicos disponíveis e atrativos o suficiente para que as crianças os quisessem fotografar.

Os objetos

Continuando a investigação sobre o conteúdo das fotografias, passou-se a considerar os objetos presentes. Como já explicitado no procedimento, após arrolar todos os objetos, incluindo móveis e elementos das construções como escadarias, muros etc., eliminaram-se aqueles que não foram considerados pelas crianças como sendo utilizados nas brincadeiras. Os demais foram organizados conforme características comuns nas seguintes categorias: 1. Brinquedos diversos – incluiu diferentes brinquedos de posse individual de cada criança: bicicleta, bola, boneco e boneca; 2. Objetos para modelagem, desenho e construção – papel e lápis, massa de modelar e lego; 3. Construções urbanas – muro, escada, portão, corrimão de skate; 4. Equipamentos de parque – balanço, escorregadeira e pula-pula.

Vale destacar que se registrou a presença de objetos em apenas 23 fotografias, o que pode ser explicado pelas características dos locais (ruas, por exemplo), como pelas próprias instruções que não falavam explicitamente em brinquedos.

Percebe-se que aparentemente as crianças não levam muitos brinquedos para os espaços externos, isso pode estar associado ao medo de perdas, ou ao fato de que tais espaços dispensam esses objetos, pois possuem atratividade própria e neles podem ser desenvolvidas brincadeiras variadas, principalmente as que envolvem pega-pega. O elemento mais levado para ali pelas crianças foi a bola.

Corroborando essa visão, constata-se que “construções urbanas” foi a categoria mais presente nas fotografias (9), excluindo-se as das meninas de SM que registraram mais os equipamentos de parque (4). Esse resultado é condizente com as características dos locais fotografados e demonstra que as crianças se apropriam do que encontram.

Elsley (2004) afirma que as crianças utilizam os espaços e os brinquedos de maneiras diferentes do que fora inicialmente planejado para ela. Essa premissa foi constatada quando questionou as crianças sobre o local fotografado e as brincadeiras ali desenvolvidas.

Quando perguntado o porquê de R. ter tirado a foto do jardim de casa (ambiente com plantas e cactos), por exemplo, ele afirma que costuma brincar de guerra neste local e que as coisinhas vermelhas do cacto, ele pega e chupa, o que explica dizendo: “é quando o soldado vai pra guerra e quando ele morre de sede ele toma isso” (flor do cacto). Já quando perguntado o que tinha dentro disso, ele afirma: “é um remedinho”, “eu faço exercícios militares, às vezes eu fico lá, aí eu tomo isso”.

Vale ressaltar que o local fotografado é utilizado como local de passagem na casa de R., e, portanto, não se trata de um local planejado pelos adultos para o uso das crianças.

Quando questionada sobre a foto em que aparece um muro grafitado, V. relata que o muro é parte integrante de uma brincadeira de casinha: “a parede pequena é o sofá, a parede grande é a televisão porque tem desenhos”, há também uma escada próxima ao muro, que não aparece na fotografia, e que segundo a criança: “cada degrau é um quarto”. V. acrescenta que a imagem do olho no centro do muro representaria o símbolo de um *reality show* da televisão, comenta ainda brincar que é personagem desse programa.

As brincadeiras

As brincadeiras mencionadas foram organizadas em categorias utilizadas por Beraldo e Carvalho (2003) no estudo em que foram investigados os tipos de brincadeira desenvolvidos por crianças numa cidade urbanizada e que se adequou aos objetivos do presente estudo e são assim descritas:

1. Correr, perseguir, pegar – Qualquer tipo de brincadeira que envolve poucas regras e cuja temática principal seja pegar os colegas, como pega-pega, esconde-esconde.
2. Faz-de-conta – Brincadeiras que, de modo geral, fazem uso da imaginação, como brincadeiras com bonecos, bonecas, e interpretação de personagens em contextos específicos, como brincar de vendedora.
3. Brincadeiras com bola – Nessa categoria entrou qualquer tipo de brincadeira cuja temática fosse dependente desse objeto, desde que não envolvesse muitas regras

tampouco simulação de esportes reais como futebol, vôlei ou basquete. Dessa forma, se encaixaram nessa categoria brincadeiras de chutar a bola na parede, de passar a bola para o colega, bobinho etc.

4. Bicicleta e similares – Aqui estão incluídas brincadeiras com bicicleta, *skate*, patins, patinete e similares.
5. Esportes e competições – Foram categorizadas aqui brincadeiras que simulavam esportes como futebol, vôlei, basquete ou mesmo atividades nas quais a competitividade se fazia presente, como baleado etc.
6. Jogos eletrônicos – Especificamente atividades desempenhadas com brinquedos eletrônicos.
7. Brincadeiras de rua – Aqui estão agrupadas brincadeiras típicas de rua como pula-corda, pular elástico, gude, pipa.
8. Brincadeiras de parquinho – Brincadeiras dependentes de aparelhos específicos como escorregadeira, balanço e areia, desde que esses aparelhos sejam utilizados com o propósito para o qual foram criados.
9. Outras brincadeiras – Brincadeiras que não se encaixavam nas categorias anteriores.
10. Outras atividades – Aqui estão atividades que não costumemente são vistas como brincadeiras mas que, por divertir algumas crianças, foram citadas nas entrevistas, como dançar e assistir a DVD.

Os tipos de brincadeira relatados por cada criança, distribuídos por gênero e *status* socioeconômico, podem ser observados na Tabela 3:

Tabela 3. Tipos de brincadeiras mencionados pelas crianças distribuídos em função do gênero e *status* socioeconômico

Tipos de brincadeira	<i>Status</i> socioeconômico baixo		<i>Status</i> socioeconômico médio	
	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas
1) Correr, perseguir pegar	20,0%	12,5%	10,0%	13,3%
2) Faz-de-conta	26,7%	18,8%	10,0%	6,7%
3) Brincadeiras com bola	20,0%	18,8%	20,0%	13,3%
4) Bicicletas e similares	20,0%	6,2%	10,0%	6,7%
5) Esportes e competições	6,7%	-	20,0%	46,7%
6) Jogos eletrônicos	-	-	10,0%	-
7) Brincadeiras de rua	-	25,0%	-	-
8) Brincadeiras de parquinho	-	-	10,0%	6,7%
9) Outras brincadeiras	-	12,5%	10,0%	6,7%
10) Outras atividades	6,7%	6,2%	-	-
N =	15	16	10	15

Como pode ser visto, a maior frequência de brincadeiras foi registrada para a categoria “brincadeiras de esportes e competições”, o que incluiu principalmente jogos de balaço¹, mencionadas pelas meninas de SM. Em seguida, aparecem brincadeiras de faz-de-conta para meninos de SB e brincadeira de rua para meninas de SB. Brincadeiras de bola também foram referidas por meninos tanto de SM quanto de SB, e correr e perseguir e andar de bicicleta e similares, por meninos de SB.

A maior variabilidade de brincadeiras foi constatada entre os meninos de SM, seguidos pelas meninas dos dois *status*. Porém, é importante destacar, talvez como dado mais importante deste trabalho, a variabilidade geral de tipos de brincadeiras mencionadas, aliás, em maior número que o de fotografias tiradas e locais registrados (Tabela 1), o que demonstra que existe mais de uma brincadeira associada a cada um dos lugares fotografados.

Considerações finais

O presente estudo, de caráter exploratório, trouxe algumas questões importantes para reflexão sobre espaços de brincadeiras no ambiente urbano. Além da constatação da falta de espaços públicos na cidade para que as crianças brinquem com liberdade e segurança, a utilização cada vez maior, principalmente pelas crianças de SM, de espaços internos como se fossem externos, como os *playgrounds* de edifícios, centros comerciais, casas de amigos e casas de jogos eletrônicos.

A nosso ver, isso deveria interessar não só a pais e educadores, mas à sociedade como um todo, visando à elaboração de políticas públicas voltadas ao atendimento dos interesses das crianças. Os espaços para brincar deveriam ser tão priorizados quanto os viadutos, as avenidas, entre outros.

Porém, vale destacar a grande capacidade de ressignificação dos espaços disponíveis pelas crianças. Registraram fotos em escadas, muros e becos, e relataram brincadeiras altamente criativas como as descritas antes, o que nos motiva a continuar buscando novas estratégias metodológicas visando captar aspectos novos e inovativos da relação da criança com sua cidade.

A esse respeito, é importante considerar que o presente estudo apresenta limitações, que só puderam ser constatadas na fase de tratamento e análise dos dados, e que necessitam ser corrigidas em estudos similares. Uma delas refere-se ao fato de as crianças não terem cumprido a solicitação de fotografar apenas um local. É preciso definir se o estudo será sobre a preferência da criança ou saber quais são os locais em que efetivamente brinca. Outra limitação se deu por conta das diferenças de forma de moradia (casa ou apartamento) em um mesmo *status* socioeconômico que influenciou sobremaneira os resultados. Sugere-se que em estudos futuros essa característica seja uma variável a se levar em conta.

¹ Queimada, em outras partes do Brasil.

É interessante que estudos futuros incluam crianças moradoras em áreas de efetivo risco, tão comuns na cidade de Salvador, como encostas dos morros e invasões. Aqui se optou por não inserir esses segmentos, por já ter sido constatado em estudo anterior (COTRIM et al., 2009), que essas costumam se dirigir para canteiros entre avenidas, rotatórias de trânsito, entre outros locais não planejados para crianças, por falta de equipamentos públicos em suas comunidades. Como dito, este estudo é parte de um estudo maior sobre espaços urbanos para brincar na cidade de Salvador, em que cada etapa utiliza metodologia diferente associada aos objetivos propostos. Ao fim, espera-se ter um quadro de onde e como brincam as crianças dessa metrópole.

OUTDOOR SPACES FOR PLAYING: THE CHILDREN'S LOOK THROUGH PHOTOGRAPHS

Abstract: The streets and public spaces in cities have been perceived by adults as unsuitable for children because of violence and the movement of people and vehicles. Thus, there is a tendency to internalize and institutionalize the spaces for play. This study aims investigate, through the eyes of the children themselves, what their favorites places to play outside. For that, 39 children, boys and girls of low socioeconomic status and high school, living in the city of Salvador, were asked to photograph their favorite places to play away from home and school and were interviewed about the contents of the photographs and recorded jokes about which there were developed. The results indicate that the region in front of houses and buildings of playgrounds were the most chosen for the children. In these places the children reported playing more competitive games, make-account and outdoor play, mostly using existing elements in places such as sidewalks and stairs.

Keywords: play; public spaces; children; playgrounds; re-signification.

ESPACIOS EXTERNOS PARA JUGAR: LA MIRADA DE LOS NIÑOS A TRAVÉS DE FOTOGRAFÍAS

Resumen: Las calles y espacios públicos en las grandes ciudades han sido percibidos por los adultos como entornos inadecuados para los niños debido a la violencia y el movimiento de personas y vehículos. Existe, pues, una tendencia a la interiorización y la institucionalización de espacios para el juego. Con el objetivo de investigar, a través de los ojos de los propios niños, cuáles son sus lugares para jugar al aire libre, 39 niños y niñas, de bajo nivel socioeconómico y de la escuela secundaria, que viven en la ciudad de Salvador, han fotografiado sus lugares favoritos para jugar fuera de casa y la escuela. Además, los niños fueron entrevistados sobre los contenidos grabados y fotografías sobre los juegos que se están desarrollando allí. Los resultados indican que la región frente a las casas y edificios de los parques infantiles fueron los más elegidos por los niños. En estos lugares los niños informaron jugar más partidos oficiales, juego simbólico y jugar al aire libre, sobre todo con los elementos existentes en lugares como las aceras y las escaleras.

Palabras clave: juegos; espacios públicos; niños; parques; ressignificación.

Referências

- BEACH, B. A. Rural children's play in the natural environment. *Play & Culture Studies*, v. 5, p.183-194, 2003.
- BERALDO, K. E. A.; CARVALHO, A. M. A. Na cidade grande. In: CARVALHO, A. M. A. et al. (Org.). *Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 157-185.

BICHARA, I. D. Apropriação e resignificação de espaços e equipamentos urbanos: um outro ângulo para os estudos sobre contextos de brincadeiras. In: SIMPSODES, 2005, Vitória. **Anais...** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2005. p. 29-36.

BICHARA, I. D. et al. Brincadeiras em contexto urbano: um estudo em dois logradouros em Salvador (BA). **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 26, p. 39-52, 2006.

COTRIM, G. S. et al. Espaços urbanos para (e das) brincadeiras: um estudo exploratório na cidade de Salvador (BA). **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 11, p. 50-61, 2009.

ELSLEY, S. Children's experience of Public Space. **Children & Society**, v. 1, p. 155-164, 2004.

FIAES, C. S. et al. Gênero e brincadeira em parquinhos públicos de Salvador (BA). **Interação em Psicologia**, v. 14, n. 1, p. 31-41, 2010.

HARPER, L.; SANDERS, K. Preschool children's use of space: Sex differences in outdoor play. **Developmental Psychology**, v. 11, p. 119, 1975.

JOHNSON, J. E.; CHRISTIE, J. F.; YAWKEY, T. D. **Play and early childhood development**. New York: Longman 2. ed., 1999.

KARSTEN, L. Children's use of public space: the gendered world of the playground. **Childhood**, v. 10, p. 457-473, 2003.

KARSTEN, L.; VLIET, W. V. Children in the city: reclaiming the street. **Children, Youth and Environments**, v. 16, supl. 1, p. 151-167, 2006.

KOBARG, A. P. R.; KUHNEN, A.; VIEIRA, M. L. Importância de caracterizar contextos de pesquisa: diálogos com a psicologia ambiental. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 18, supl. 1, p. 87-92, 2008.

LEVY, G. D.; TAYLOR, M. G., GELMAN, S. A. Traditional and evaluative aspects of flexibility in gender roles, social conventions, moral rules, and physical laws. **Child Development**, v. 66, p. 515-531, 1995.

LORDELO, E. R. Contexto e desenvolvimento humano: quadro conceitual. Apresentação. In: LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M. A.; KOLLER, S. H. (Org.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador: EDUFBA, 2002. p. 5-18.

MENEGHINI, R.; CAMPOS-DE-CARVALHO, M. Arranjo espacial na creche: espaços para interagir, brincar isoladamente, dirigir-se socialmente e observar o outro. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, supl. 2, p. 367-378, 2003.

MIN, B.; LEE, J. Children's neighborhood place as a psychological and behavioral domain. **Journal of Environmental Psychology**, v. 26, p. 51-71, 2006.

RASMUSSEN, K. Places for children – Children's places. **Childhood**, v. 11, supl. 2, p. 155-173, 2004.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SILVA, L. I. C. et al. Diferenças de gênero nos grupos de brincadeiras na rua: a hipótese de aproximação unilateral. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 19, n. 1, p. 114-121, 2006.

SUTTON-SMITH, B. Play as a parody of emotional vulnerability. **Play & Culture Studies**, v. 5, p. 3-17, 2003.

VALENTINE, G. "Oh yes I can." "Oh no you can't": Children and parents understandings of kids competence to negotiate public space safely. **Antipode**, v. 29, supl. 1, p. 65-89, 1997.

Contato

Ilka Dias Bichara

e-mail: ilkadb@ufba.br

Tramitação

Recebido em outubro de 2010

Aceito em maio de 2011